

Dr. James S. Spiegel, Ética Cristã, Sessão 5, Ética Kantiana

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 5, Ética Kantiana.

Certo, agora vamos falar sobre ética kantiana enquanto continuamos nossa pesquisa sobre as principais teorias morais.

Kant, na verdade, viveu toda a sua vida na cidade de Königsberg, Prússia, e ele é um dos maiores filósofos de todos os tempos. Às vezes me perguntam quem são os maiores filósofos da história, e os três grandes, no que me diz respeito, são Kant, Platão e Aristóteles. Platão e Aristóteles, é claro, são as figuras imponentes que pairam sobre a história da filosofia ocidental, particularmente por meio de sua influência de Agostinho e Aquino, e eles lançaram muitas dessas discussões na filosofia ocidental.

Quando você chega a Kant, você tem 2.000 anos de história filosófica interveniente. Quem pode fazer algo original até então? Kant fez muito pensamento original em várias áreas, especialmente epistemologia, ética, estética e filosofia política. Ele nos deu a ideia de uma Liga das Nações, na verdade, um pequeno ensaio que ele escreveu chamado Paz Perpétua.

Se isso fosse tudo o que ele já tivesse feito, ele ainda teria entrado para a história, mas ele fez um trabalho marcante nessas outras áreas também. Ele é uma figura importante que representou o Iluminismo. Na verdade, ele escreveu um pequeno ensaio chamado *What Enlightenment is*, que foi muito influente.

Um de seus objetivos era colocar a ética em uma base filosófica firme, e ele queria mostrar que você realmente não precisa de nenhum tipo de autoridade da igreja ou revelação especial de Deus para conhecer o bem e que seus deveres básicos podem ser descobertos racionalmente. Essa é uma afirmação controversa, mas que fazia parte da agenda de Kant como um dos principais filósofos do Iluminismo. Especificamente, o que ele estava tentando fazer no reino da ética não era apenas colocar a ética em uma base racional firme, mas também superar os problemas de teorias morais consequencialistas como o utilitarismo, que definem o certo e o errado, o bom e o mau, sempre em termos de consequências.

Para o utilitarista, não há realmente nenhuma atenção aos motivos. Tudo se resume às consequências reais dos atos que você realiza que importam, independentemente de suas intenções ou motivos. Kant pensou que, na verdade, eles tinham entendido ao contrário.

Realmente, a coisa mais importante de todas é a razão pela qual você age. Sua base motivadora para sua ação é realmente decisiva quando se trata de decidir se suas escolhas são certas ou erradas, boas ou ruins. Para fazer isso, ele reconheceu que é necessário encontrar um princípio moral supremo que governe tudo o que você pensa, faz e escolhe como um agente moral.

Esse princípio moral supremo, pensou Kant, deve ser universal. Ele precisa ser tal que se aplique a todo ser racional, e deve ser necessário em um sentido lógico. Ele deve nos vincular, a todo ser racional, de tal forma que, para ser um pensador racional sobre questões morais, você deve reconhecer os deveres e obrigações básicas que você tem.

Se você for totalmente racional, você entenderá isso. Ele pensava que qualquer que seja o princípio moral supremo, ele precisa ser tão vinculativo quanto a lei da não contradição e da lógica, onde ser racional é reconhecer seus deveres morais assim como você reconhece seus deveres lógicos de pensar de forma consistente e não se contradizer. Ele começa perguntando: qual é o único bem incondicional que podemos conhecer como seres humanos? O único bem incondicional, algo que é bom sem exceção, sem nenhuma qualificação, e isso, ele diz, é a boa vontade.

Uma boa vontade. Uma boa vontade é aquela que age por um senso de dever, em vez de apenas desejo ou inclinação natural. Você sabe, temos todos os tipos de inclinações e desejos que vivenciamos ao longo de um determinado dia e que não colocamos em prática.

Outros nós agimos, mas há também o dever, o senso de dever ou obrigação, que frequentemente sentimos também. E que deveríamos estar sempre agindo, independentemente de nossas inclinações e desejos. E isso é porque nossos deveres morais são um subconjunto de nossos deveres racionais.

Novamente, ser racional também é ser moral se formos rigorosos aqui. Então nossos deveres, nossos deveres morais, são ditados pela própria razão, tanto quanto a razão dita nossos deveres lógicos, você pode dizer. Então aqui está a abordagem básica de Kant.

Ele acredita que os seres humanos são inerentemente racionais. É isso que significa ser humano, ser um animal racional, ser o tipo de mamífero que raciocina, que pensa logicamente, que busca evidências para as coisas em que acreditamos e é compelido por evidências. Boas razões para nos comportarmos da maneira que devemos nos comportar.

Moralidade é um subconjunto da racionalidade. Novamente, se você é uma pessoa verdadeiramente racional, então você reconhecerá seus deveres morais. Kant faz

uma espécie de paralelo entre dois domínios da razão, um dos quais é a razão teórica e o outro é a razão prática.

Então, razão teórica é aquele domínio ou aplicação da razão que visa à verdade. Queremos saber o que é verdade. Todos nós buscamos a verdade.

Não importa se nos chamamos filósofos ou acadêmicos, todos estão interessados na verdade. Isso é apenas por causa da sua natureza como ser. E qual é o seu guia definitivo quando se trata da busca pela verdade? É a lei da não-contradição.

Essa é a lei ou princípio máximo da lógica que diz, não importa o que você faça, não se contradiga. Se você for pego em uma contradição, se alguém disser, ah, você se contradisse, a única coisa que você não fará é dizer, sim, e daí? Se alguém te pegar em uma contradição, a primeira coisa que você faz é, não, não, não, não, você nega. Você diz, é por isso que não estou me contradizendo.

Você pode se defender com uma distinção, ou pode se defender dizendo que entendeu mal o que eu disse. Deixe-me esclarecer. Mas você vai se defender dessa acusação de se contradizer porque esse é o pecado capital no domínio da razão e da lógica.

Não se contradiga. Então, a lei da não-contradição é nosso guia definitivo quando se trata de buscar a verdade. Não afirme e negue uma e a mesma coisa.

Agora, a razão prática é o domínio da investigação racional onde a razão se aplica à conduta. Quando se trata de razão prática, estamos tentando descobrir não o que é verdade, mas como devemos escolher, como devemos nos conduzir e como nossa vontade deve operar. O que devo querer? A razão teórica me diz o que devo pensar e acreditar.

Praticamente, estou preocupado com o que devo escolher e como devo exercer minha volição. E isso também é guiado por um princípio último que é paralelo à lei da não-contradição. E esse é um imperativo último.

Um princípio da razão que guia como devemos escolher e nos conduzir. Esta também é uma lei objetiva da razão. É isto que Kant quer descobrir: este imperativo ou mandato que é universal, este princípio moral supremo.

Então, aqui está para preencher os paralelos aqui no domínio da razão teórica. Estamos buscando a verdade. A razão prática diz respeito à conduta.

A razão teórica é guiada pela lei da não-contradição. A razão prática é guiada por esse imperativo último, que ele chama de imperativo categórico. E a razão teórica descobre a lei da não-contradição somente pela razão.

A lei da não contradição, da mesma forma, que governa a razão prática e a conduta, é descoberta somente pela razão também, de acordo com Kant. Então, tudo o que precisamos, realmente tudo o que precisamos, para saber ao menos nossos deveres mais básicos em ética é a razão. E essa é uma ideia muito iluminista.

Os pensadores do Iluminismo rejeitaram a autoridade religiosa e a autoridade da igreja. Não precisamos de nenhuma orientação eclesiástica ou eclesiástica. Não precisamos de uma revelação especial.

A razão por si só é suficiente para que possamos descobrir toda a verdade que precisamos, adquirir todo o conhecimento que precisamos e nos conduzirmos responsabilmente, de acordo com a visão de mundo do Iluminismo. Novamente, Kant foi um grande pensador e profeta do Iluminismo. Certo, então vamos falar sobre o imperativo categórico.

O que é o imperativo categórico? Acontece que há várias maneiras de expressar e articular isso — vários ângulos diferentes de abordagem. Falaremos sobre alguns deles.

Uma dessas versões do imperativo categórico tem a ver com o que podemos universalizar, o que podemos querer universalmente. Como o imperativo categórico é muito parecido com a lei da não contradição, ele ordena que você não se contradiga em sua vontade. Assim como a lei da não contradição diz, você nunca deve pensar ou acreditar em algo que contradiga outra coisa que você pensa ou acredita.

O imperativo categórico diz que você nunca deve desejar algo que contradiga sua própria vontade. Certo, então evite contradições. Como se aplica na razão teórica ao que você acredita, o imperativo categórico diz que você nunca deve ter uma contradição dentro de sua vontade.

Então, esta primeira versão do imperativo categórico diz para agir somente naquela máxima pela qual você pode, ao mesmo tempo, desejar que ela se torne uma lei universal. Kant ilustra sua teoria com vários exemplos diferentes. E um deles é o da falsa promessa.

Se você está pensando em fazer uma promessa que sabe que não pode cumprir para evitar um certo problema, você deve fazê-lo? Se você está pensando que não vai ter dinheiro suficiente para pagar a mensalidade da faculdade neste semestre, você tem um bom amigo que tem dinheiro suficiente, ou eles podem lhe emprestar, digamos, alguns milhares de dólares. Você deve pedir esse dinheiro a eles? Estou sozinho. Digamos, eu vou te pagar de volta no final do semestre, sabendo que você não pode fazer isso. Você não vai ter os recursos para pagá-los de volta no final do semestre.

Você deveria fazer isso? O que Kant diria? O primeiro imperativo categórico diz para sempre agir de acordo com essa máxima, onde você pode, ao mesmo tempo, torná-la uma lei universal. Bem, você poderia permitir que fosse uma lei universal que todos fizessem falsas promessas? Você gostaria? Você desejaria isso? Você poderia querer que as pessoas fizessem falsas promessas a você de vez em quando ou todos os dias? Não, não queremos que as pessoas nos façam falsas promessas. Então, eu não posso, por coerência, por respeito à lei moral, o imperativo categórico, que exige coerência na minha vontade, eu não posso fazer isso.

Eu não posso querer algo que eu não quero que seja feito, sabe, universalmente. Então, já que eu não posso querer que isso seja uma lei universal, então eu não deveria fazer isso. E ele usa outros exemplos também.

Devo me esquivar do desenvolvimento de um certo talento que tenho que é muito especial e pode ser útil para a humanidade? Devo doar caridosamente ou ajudar todas as outras pessoas que estão em necessidade? Devo cometer suicídio se estou em um estado especialmente desanimado? E Kant aplica o imperativo categórico a todos esses casos, descobrindo que você deve desenvolver seus talentos significativos. Você não deve ser um eremita. Você deve ser caridoso e útil para com os outros que estão em necessidade.

Você não deve se divorciar do resto da humanidade. E você nunca deve se matar. Isso é sempre errado.

Em cada caso, você estaria violando esta primeira versão do imperativo categórico se fizesse qualquer uma dessas coisas. Há outra maneira de desempacotar este imperativo categórico.

E isso é fazer algumas perguntas sobre o que significa ser um ser racional. Ele argumenta que todo ser racional existe como um fim em si mesmo, valioso por si mesmo, não meramente como um meio a ser usado por outras pessoas.

O que significa ser um agente racional é que você merece respeito simplesmente por quem você é. Você não deve ser usado como um mero meio. E assim vale para todos os agentes racionais.

Eles não são meramente meios; eles são fins em si mesmos. Foi isso que levou Kant a descobrir a segunda versão do imperativo categórico. Que diz, aja de modo que você trate a humanidade, seja em sua própria pessoa ou na de outro, sempre como um fim e nunca apenas como um meio.

Outra maneira de colocar isso é dizer que não devemos simplesmente usar as pessoas. Alguém já lhe disse que você está apenas me usando? Se alguém lhe dissesse isso, você diria, não, não estou. Você negaria isso.

Novamente, qualquer um que tenha algum tipo de senso moral comum reconhece que você não deve simplesmente usar as pessoas. E se você for acusado disso, ou você precisa se arrepender e se desculpar ou mostrar como, de fato, você realmente não era culpado de simplesmente usar alguém. Nunca trate as pessoas como meros meios.

Isso é uma violação de sua dignidade como pessoa. E não respeita adequadamente sua autonomia. A primeira versão do imperativo categórico tem a ver, portanto, com universalizabilidade.

Você pode universalizar uma dada máxima ou regra para agir como uma lei universal? A segunda versão tem a ver com respeito às pessoas e autonomia pessoal. Mas Kant está convencido, todos os kantianos estão convencidos, que as várias versões do imperativo categórico, e há duas outras sobre as quais não vamos falar, mas que todas as quatro versões do imperativo categórico que Kant discute levam às mesmas conclusões em relação a questões morais práticas. Falamos sobre uma de suas quatro ilustrações, a da falsa promessa.

Como isso funciona, ou como deveríamos analisar isso sob a segunda versão do imperativo categórico? Se eu fizer uma falsa promessa a você para que eu possa ganhar alguns milhares de dólares de você, para que eu possa ir para a escola neste semestre, e então lhe disser que vou pagar de volta no final do semestre, mesmo sabendo que não posso fazer isso, esse é um exemplo clássico de usar você como um meio, um mero meio para o meu fim. Então, a segunda versão do imperativo categórico seria tão enfática quanto a primeira ao declarar que você não deveria fazer essa falsa promessa. E assim vai, para qualquer questão sobre conduta ou moralidade, o que quer que uma versão do imperativo categórico condene, todas as outras o farão.

E o que um permite, todos os outros permitirão. Então esse é o imperativo categórico em duas formulações diferentes, e é bastante engenhoso, não importa o que você pense sobre Kant e sua teoria moral, chegar a uma teoria que pelo menos faça uma tentativa decente de colocar a ética em uma fundação puramente racional. Isso é impressionante.

A questão é: ele tem sucesso? Isso é realmente suficiente para guiar toda a nossa vida moral? Entre os pontos fortes da teoria de Kant, ela certamente coloca uma forte ênfase no dever e na obrigação. É uma teoria muito deontológica. Nós olhamos para Mill em sua teoria utilitária, Bentham, Mill.

A deles é uma teoria consequencialista. A de Kant é o oposto disso. Ele diz que, quaisquer que sejam as consequências, há o certo e o errado, e podemos saber independentemente das consequências.

Então, é uma teoria muito deontológica. E é boa, não é? Na medida em que coloca uma ênfase adequada no dever. Qualquer teoria moral, diríamos, de um ponto de vista cristão, acho que todos podemos concordar, precisa dar sentido adequado aos nossos conceitos de dever e obrigação.

Sua teoria também é universal em sua objetividade. Isso é bom, certo? Se é uma questão de senso comum moral que há certos deveres, pelo menos alguns universais, e há alguma verdade e ética objetivas, o fato de uma teoria como Kant afirmar isso é uma marca a seu favor. E, finalmente, dá um relato adequado ou pelo menos decente da justiça.

E dando a cada um o que lhe é devido. Poderíamos falar sobre várias maneiras em que isso acontece, mas esse é o tipo geral de julgamento sobre a teoria de Kant. E o fato de ser tão deontológica em sua orientação, você sabe, explica isso, que ele pode dar sentido à justiça de uma forma que os utilitaristas não conseguem.

Porque eles são tão, você sabe, consequencialistas em seu pensamento. Mas há problemas com a teoria de Kant. Então, vamos considerar alguns deles.

Uma grande objeção à ética kantiana é que ela coloca muita ênfase no dever. A ideia é que, para que qualquer ação, qualquer escolha que façamos, seja moralmente apropriada ou respeitável, ela precisa ser fundamentada em um senso de dever. Isso não é um pouco forte? Na verdade, forte demais.

Muito exigente. Então, deixe-me ilustrar isso. Suponha que você tenha um amigo que se machucou em um acidente de carro.

E você decide que vai visitar essa pessoa no hospital. E você é um bom kantiano. E você está considerando sua agenda.

Você tem uma semana ocupada. Na verdade, você não tem muito tempo para visitar seu amigo. Mas por um senso de dever, já que ele é seu amigo, você diz, eu deveria ir visitá-lo.

E então você vai, você os visita. E você aparece no quarto de hospital deles. Olá, Bill.

Ouvi dizer que você sofreu esse acidente. Pensei em vir visitá-lo e ver como você está. E seu amigo Bill diz, uau, obrigado.

É muito gentil da sua parte pensar em mim e tirar um tempo da sua agenda para fazer isso. Isso é muito legal. Eu agradeço.

E então, como um bom kantiano, você diz, bem, na verdade, eu não queria. Eu não estava realmente inclinado nessa direção. Mas eu senti que era a coisa certa a fazer.

Na verdade, eu passei o imperativo categórico pela minha mente e decidi, sim, eu posso universalizar isso. E eu não quero tratar você como um mero meio. Então aqui estou eu, e está tudo bem.

Nesse ponto, Bill diz, o quê? Você não queria vir me visitar? Na verdade, não, mas eu senti que era a coisa certa a fazer. Seu amigo provavelmente vai dizer, bem, você sabe, obrigado, mas não, obrigado. Eu pensei que você veio aqui por uma preocupação sincera comigo, que é o que mais valorizamos, não é? Não queremos que as pessoas ajam apenas por um senso de dever.

Tão importante quanto o dever, certo? Claro, é algo significativo, assim como dever, obrigação e assim por diante. Mas preferimos que as pessoas ajam por um sentimento de desejo sincero e inclinação. E o sentimento de afeição por nós para motivá-las a fazer coisas para nós assim.

Visitando-nos quando estamos no hospital, nos alcançando em outros momentos de necessidade, ou apenas passando tempo conosco, ponto final. Então, esse grau de ênfase que você encontra na teoria moral de Kant é que, por mais que o dever seja importante na vida moral, não é toda a história. Realmente parece que Kant trata o dever e a obrigação como se fossem toda a história moral.

E isso, de acordo com a maioria dos críticos da teoria de Kant, constitui uma fraqueza real. Então, há esse problema adicional de conflitos de dever que encontramos ao aplicar o imperativo categórico. Então, aqui está um exemplo clássico do que você faz como alguém que está abrigando judeus durante a Segunda Guerra Mundial, e a Gestapo vem até a porta.

Você está abrigando judeus? O que você faz? Você diz a verdade a eles ou mente? Você mente para salvar as vidas judias inocentes que estão no seu porão? Ou você diz a verdade à Gestapo, e então todas essas pessoas inocentes morrem? Dizer a verdade é um valor importante. E salvar vidas inocentes também. Na verdade, quando Kant lida com isso, ele acaba ficando do lado de dizer a verdade em todos os casos.

Ele é inflexível nisso, o que é, isso é um problema em si mesmo em relação à teoria de Kant, ou pelo menos sua maneira de trabalhar isso. A maioria de nós diria, bem, sim, apenas minta. Salve as vidas inocentes e, você sabe, você engana a Gestapo, e você tira sangue das mãos deles, e você salva essas vidas.

Essa não era a visão de Kant. Mas esse é um tipo de dilema clássico, um dilema moral. Mas há muitos outros casos em ética em que você tem dois valores significativos.

Eles estão em desacordo um com o outro. E o que fazemos nesse caso? Quando o imperativo categórico parece apontar em duas direções diferentes ao mesmo tempo, isso é um problema. Os defensores da teoria de Kant diriam, bem, isso é um problema para qualquer teoria.

Mas é mesmo? E a teoria utilitarista parece que, em casos como esse, quando se trata de responder aos nazistas, você pode calcular bem claramente o que vai produzir mais dor ou mais prazer entre as várias opções. Parece bem claro que se você mentir para os nazistas, isso vai levar a consequências que envolvem muito mais prazer e menos dor do que se você disser a verdade. Então, o utilitarista não tem problema aí.

Mas cara, o kantiano faz. Kant simplesmente afirma dogmaticamente que devemos sempre dizer a verdade em qualquer caso, mas isso não resolve realmente o problema porque não é tão claro no imperativo categórico se essa é a escolha certa a fazer, já que também temos o dever de proteger a vida, assim como o dever de dizer a verdade. Então eu acho que esse é um problema real com a teoria de Kant.

Então, mesmo que represente certos avanços, melhorias em uma teoria consequencialista, você tem algumas responsabilidades aqui que são bem significativas. Finalmente, há essa crítica que tem a ver com a ambiguidade da máxima que estamos testando com o imperativo categórico. Lembra do imperativo categórico? Se formos com a primeira versão de universalizabilidade, ela diz para agir somente naquela máxima ou regra básica para agir, que você poderia ao mesmo tempo desejar que fosse uma lei universal.

É por isso que eu não deveria fazer a falsa promessa. É por isso que eu não deveria roubar seu livro. É por isso que eu não deveria sonegar meus impostos.

Não posso querer que essas máximas sejam leis universais. Mas observe que poderíamos, alguém poderia universalizar consistentemente uma máxima muito específica para dizer, roubar o livro do meu vizinho quando não tenho outro meio de pagar pelo livro e o vizinho de quem estou roubando tem recursos suficientes para que ele realmente não sinta tanta falta. Parece que poderíamos universalizar isso.

Então, eu não teria que me preocupar com alguém roubando de mim em circunstâncias semelhantes, porque eu não tenho esse tipo de recurso. E seria raro em qualquer caso. Seria muito mais raro do que as pessoas simplesmente roubarem livros sempre que tiverem vontade.

Então, nós especificamos essa máxima. Nós a tornamos tão específica. Só vai ser em circunstâncias muito especiais que alguém rouba um livro, e eu não vou ter que realmente me preocupar com isso nesse caso porque eu sou, digamos, bem rico.

Então, eu poderia universalizar essa máxima. Eu poderia universalizar certas outras máximas, desde que eu construísse nelas certas qualificações que as tornassem, se não únicas, pelo menos você sabe, circunstâncias bem raras onde seria apropriado agir de acordo. Então, há uma série de problemas com a teoria de Kant que revelam limitações severas e mostram, assim como vimos com o utilitarismo e a teoria do contrato social, que para todos os insights e benefícios dessa teoria, ela não é o suficiente.

Algo mais é necessário para suplementar a teoria. Há algumas outras coisas que são significativas para suplementar a teoria para chegar a uma teoria moral satisfatória, considerando todas as coisas. Então esse é Kant.

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 5, Ética Kantiana.